

ULISSES TAVARES
Ilustrações
ALEXANDRE SEGRÉGIO



Selecionado para o PNLD/SP

9ª edição



Editor: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Assistentes editoriais: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: FLORIANA TOSCANO

CAVALLETE

Coordenação de revisão: LÍVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

Produção gráfica: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tavares, Ulisses

Viva a poesia viva / Ulisses Tavares ; ilustrações Alexandre Segrégio. — 9. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-05846-0

1. Poesias infantis brasileiras I. Título. II. Série.

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesias infantojuvenis : Literatura brasileira 869.91

13ª tiragem, 2019



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810088

CAE: 571362

Papo de poeta

Os grandes pensadores da humanidade, em todos os tempos, vêm tentando responder a três perguntas que qualquer ser humano se faz um dia ou outro:

Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Já eu, poetinha tupiniquim, por força do ofício e da curiosidade alheia, venho tropeçando em três perguntinhas o tempo todo:

O que é poeta? O que é poesia? Para que serve a poesia?

E só agora, depois de muitos livros editados e muitos quilômetros rodados, posso responder em definitivo, a vocês, gatinhas e gatões aqui presentes:

Eu não sei o que é poeta.

Nã sei o que é poesia.

E também não sei para que serve a poesia.

Quando eu era menino, precoce em leitura e débil mental em matemática, conseguia botar uma frase embaixo da outra, chamava aquilo de poesia e o autor de poeta. Tinha coragem de mostrar os versos para a namoradinha, mas para os amigos não: no interior onde eu morava, cidade de operários e agricultores, poesia não era coisa de macho.

Aos poucos, melhorando um pouquinho o que escrevia e o que vivia, fui descobrindo outros poetas, alguns por biografias, outros ao vivo e em cores.

Poetas geniais no texto e medíocres na vida.

Poetas medíocres no texto e geniais na vida.

Por exemplo: hoje, eu vejo Lampião, o cangaceiro, como um grande poeta. Não deixou nada escrito, mas interpretou na prática num belo poema épico da revolta humana. Ele colocou para fora, à bala e na ação, o que o homem do seu tempo sentia diante da injustiça.

Sem bala, Jesus Cristo também fez seu poema vivo.

Agora, literalmente, poeta é todo aquele que faz poesia e ponto final.

Uma coisa eu sei: quanto mais você se lambuza de vida, mais fácil fica reconhecer um poeta quando dá de cara com um. Porque poeta que é poeta nem sempre fica só metendo os peitos em versos. Às vezes, vai fundo no que sente que até se esquece de passar para o papel.

Onde é que eu estava mesmo?

Lembrei. Na segunda pergunta: o que é poesia?

Em minhas primeiras loucuras escritas, poesia era uma coisa de macaquito. Eu queria imitar as poesias que lia. Não me preocupava com a clareza, com quase nada. Se as palavras me pareciam bonitas, eu colocava lá e pronto.

Depois complicou tudo, porque poesia e amor são assim uma espécie de vício. Quanto mais você experimenta, mais você quer. E mais exigente você fica.

O mais fantástico da poesia, o seu charme, é que ela pode ser tudo. E pode ser de todas as formas. Por exemplo: há mil anos que se fazem poemas de amor. No entanto, cada poeta faz poesia de amor de um jeito. A poesia tem a capacidade de cantar o mesmo sentimento de forma sempre diferente.

E vale tudo: até mesmo não usar palavras.

Valem números, vídeo, símbolos, letras, fotos, o escambau.

Agora, devagar com o ardor que o santo da poesia é de barro. Vacilou, a poesia cai e quebra a cara. O compromisso com a beleza, com a originalidade é inevitável, e isso não se resolve só com palavras bonitinhas. Está cheio de poesia por aí perfeita do ponto de vista de construção literária, mas cujo ritmo é uma droga. Ou o ritmo é bom, e o conteúdo, idiota.

A grande dificuldade da poesia é justamente sua facilidade. Fazer poesia, qualquer um pode. Conseguir já é outra história.

Este livro me custou dois anos para escrever. Ele reúne dois livros, *Caindo na real** e *Aos poucos fico louco*** e poemas inéditos. Fui tão a fundo que mostrei os poemas a um monte de jovens. Os poemas de que não gostaram, eu rasguei e comecei de novo. Mesmo assim, minha pretensão é ter conseguido meia dúzia de poemas bons, apaixonantes. No máximo.

Gosto de poemas curtos e grossos. Diretos. Enxutos.

Mas, pelo amor de Deus, não peguem isso como regra da poesia. O tesão da poesia é que ela não tem regras. Decidam o que é poesia por sua própria conta e risco.

A única dica que posso dar é esta; leiam bastante poesia. Não tenham medo de não gostar. E, principalmente, não tenham medo de se entregar a ela. Igual à vida, a poesia bate forte em corações e cabeças abertas.

Quanto a “para que serve a poesia”, se cair no vestibular vai todo mundo levar pau. Todas as opções assinaladas com x estarão certas. E todas estarão erradas.

Poesia serve tanto para protestar contra a guerra como para enaltecer o espírito de luta. Mas não vou ficar dando exemplos dos outros, que é covardia.

Vou falar de mim, que se errar vai por conta da vaidade; se acertar vai por conta da modéstia.

Já quis que a poesia servisse para conquistar garotas.

Como paquera deu certo, mas o resultado poético foi caretíssimo. Os melhores poemas de amor fiz sem esperar nada da poesia.

Também já quis ficar famoso com a poesia. E assinei contrato com a Globo para usar poemas meus em suas novelas. Consequência: todo mundo acha até hoje que os poemas das novelas eram dos próprios personagens.

Da ditadura dos anos rebeldes para cá, quis que a poesia servisse para derrubar os poderosos de plantão. Seria uma inverdade histórica afirmar que eles caíram por isso.

* *Caindo na real*, Coleção “Jovens do mundo todo”, São Paulo, Brasiliense, 1984.

** *Aos poucos fico louco*, Coleção “Janela do futuro”, Rio de Janeiro, Globo, 1987.

Nos últimos anos, tenho usado a poesia para deter as usinas nucleares, para fazer as pessoas se tocarem corporalmente e até para ganhar um dinheirinho, que a crise não poupa nem mesmo os poetas.

As usinas continuam se multiplicando, as pessoas continuam olhando os outros de longe, e o lucro líquido que tive com poesia foi tão pouco que o bebi todinho em dois chopes.

Mas para uma coisa a poesia talvez sirva, sim.

Para fazer a cabeça de quem a pratica. E fazer a cabeça de quem lê.

E, afinal de contas, é até bom que a poesia não sirva para nada. Igual às flores, que você pode até plantar em canteiros e achar lindo, mas que não nasceram para canteiros. Nascer é problema da flor. Fazer canteiros é problema seu.

Igualzinho a este papo aqui, porque, se os poemas que você vai ler aí na frente não disserem nada de bom, todo este lero terá sido um blá-blá-blá que você só decora para passar na prova e esquece.

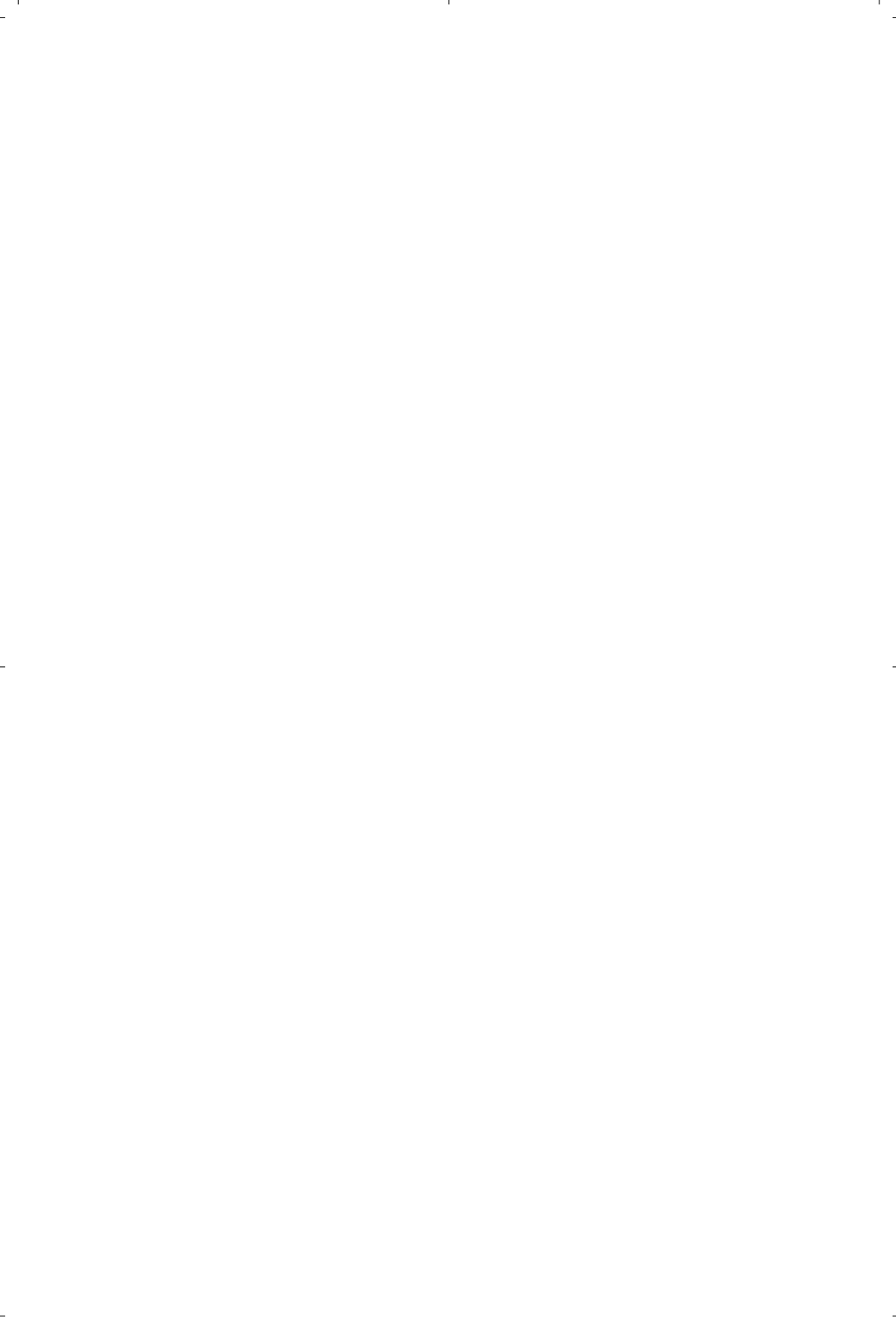
Ah, sim, me faz um favor. Não leia este livro apenas por obrigação.

Poesia está mais para lição de vida que para lição de casa.

Ulisses Tavares

Poeta





Ego sum

essa coisa chamada eu
rima com deus e ateu,
com meu e com seu,
com nasceu e morreu,
essa coisa chamada eu
é um poema que todo mundo
escreve igual,
porque todo mundo é eu
mas só eu
posso escrever o meu.

Esse nó(s)

eu me chamo eu
a turma me chama nós
longe da turma
me sinto só
mas sou eu.
com a turma sou nós
mas quero ser eu.
de nós em nós
eu sou mais eu.

Ovni

está todo mundo
vendo disco voador.
mas Eu que é bom
ninguém repara.

Túnel

já não dá pra ser criança
falta muito pra ser adulto.
a gente vai levando.